

CAIO PRADO JÚNIOR E O SOCIALISMO

Caio Prado Junior and the Socialism

Luiz Bernardo **PERICÁS** (Formado em História pela *George Washington University*, doutor em História Econômica pela USP e pós-doutor em Ciência Política pela FLACSO (México), São Paulo, Brasil)



Caio Prado Junior

Intelectual de prestígio e militante político disciplinado, Caio Prado Júnior, não obstante, foi muito criticado ao longo da vida, sendo acusado por alguns de “burguês” (em virtude de sua origem de classe) e por outros de “reformista”. Mesmo pela própria família por vezes era incompreendido e rotulado de “radical” e “rebelde”. Já marxistas mais ortodoxos chegaram a dizer que ele não seria “comunista”, mas, na prática, um eclético.

O fato é que muitos aspectos da vida e obra de CPJ foram pouco estudados com cuidado, fazendo com que certos comentaristas apressadamente o julgassem sem se aprofundar nas facetas menos conhecidas de seu pensamento. É importante, por isso, reiterar a posição de Prado Júnior como um *revolucionário*, característica da qual determinados autores, em exercício de malabarismo e ginástica intelectual, tentaram destituí-lo, ao apresentá-lo principalmente como um *scholar*, quase dissociado de seu partido e do que ocorria de forma mais ampla no mundo socialista. Para o autor de *Formação do Brasil contemporâneo*, portanto, o marxismo não era acessório, mas um instrumento essencial, não só para compreender o processo histórico nacional, mas como instrumento para a luta pelo socialismo.

Desde seu ingresso no PCB, em 1931, Caio se aprofundará, na medida do possível, nas leituras de clássicos marxistas; militará no Socorro Vermelho Internacional; fundará e será um dos dirigentes do CAM (Clube de Artistas Modernos); fará, dois anos depois, uma viagem importante para a URSS; e será um grande divulgador e defensor do país dos soviets no Brasil. Sua atuação política se aprofundará quando em 1935 se torna vice-presidente da ANL (Aliança Nacional Libertadora) em São Paulo; quando, no exílio na França, entre 1937 e 1939, participa de um comitê em apoio aos refugiados republicanos que lutavam contra as hostes fascistas de Franco na Guerra Civil espanhola; ao manter, na mesma época, ligações com o Partido Comunista da França; ao ser eleito deputado estadual em 1947 (tendo seu mandato cassado no ano seguinte); com sua participação no Congresso da Paz, em Paris; e com suas distintas jornadas pela Tchecoslováquia, Polônia, URSS, China e Cuba.

É bem verdade que em determinado momento veio em Prado Júnior um forte ressentimento em relação a seu partido. Sentia-se mal aproveitado como teórico e dirigente dentro da organização, e por ter sido, em grande medida, relegado a uma posição de segundo plano dentro do PCB, agremiação para a qual, não obstante, sempre contribuiu bastante em termos financeiros. Prado Júnior, para se ter uma ideia, investiu em publicações partidárias; organizou festas para levantar fundo para o PCB; manteve, com seu capital, uma gráfica clandestina; e até mesmo chegou a pedir dinheiro emprestado a conhecidos seus (como a própria família Matarazzo), assim como a familiares, com o intuito explícito de prover os caixas do partido com recursos suficientes para dar continuidade às suas atividades. Tinha um pensamento crítico, original, muitas vezes discordante das posições oficiais defendidas pelo Comintern ou por seu partido.¹ E não temia expor suas ideias, mesmo sabendo que poderia ser repreendido ou ostracizado por alguns camaradas. Em sua célula no partido, militavam também Paulo Alves Pinto, Elias Chaves Neto, Leôncio Basbaum, Carlos Tamagni, Roger Weiller e Gastão Rachou, entre outros, ainda que nas discussões internas, CPJ aparentemente tivesse, de acordo com colegas, uma postura “tolhida”, sem grande eco na direção.²

Filho de uma das mais tradicionais famílias da elite paulista, o autor de *Evolução política do Brasil* certamente teve de enfrentar os preconceitos e visões limitadas de muitos de seus correligionários.

Apesar de quaisquer mágoas e divergências teóricas com o partido (que eram muitas), contudo, CPJ nunca abandonou o PCB nem tampouco criou frações dissidentes ou sectárias. Nem o denunciou publicamente. Enquanto muitos foram expulsos ou decidiram sair de suas fileiras ao longo dos anos (como Hermínio Saccheta, Astrojildo Pereira, Leôncio Basbaum, Heitor Ferreira Lima, Carlos Marighella, Jacob Gorender, entre tantos outros), CPJ permaneceu no partido até o final da vida.³

Usando como modelo o PCUS, o qual admirava, Prado Júnior afirmaria que o Partido Comunista era o *verdadeiro* instrumento da luta política dos trabalhadores, uma organização onde seus membros seriam militantes ativos, com grande preparo e instrução política, que se entregariam “de corpo e alma” à causa, cuja vida seria submetida a um rigoroso controle e que exigiria deles, por isso, enorme disciplina. Assim, ele também *concordava* com os períodos de depuração, afirmando que expulsões seriam algo *natural*. Só os melhores ficariam dentro da organização. Afinal, o partido não seria como outro qualquer, mas sim, a vanguarda mais consciente e capaz do proletariado, dentro do qual os comunistas deveriam servir sempre como modelo de vida exemplar. Por isso, apoiaria o modelo de partido único da URSS. E quando o Partido Comunista finalmente tomasse o poder, deveria estar presente *em todos os setores* da vida de um país.⁴ Militante exemplar, realizava o trabalho de base (como distribuir panfletos ou colar pôsteres na rua, por exemplo) com o mesmo entusiasmo que produzia seus livros. E era, como já mostramos aqui, assumidamente *marxista*.

Para Carlos Nelson Coutinho, “o estoque de categorias marxistas” que CPJ utilizava não seria muito rico, já que, entre outros motivos, ele nunca teria citado a Gramsci e só mencionado a Lênin “com pouca frequência”, por exemplo.⁵ Já Guido Mantega, afirmava, em linha similar e sem conhecimento de causa, que “não existem evidências ou citações que indicassem que Caio Prado Júnior conhecesse as obras de Lênin”, o que, claramente, não é verdade.⁶

O fato é que CPJ possuía as obras completas de Lênin (as quais havia comprado em 1932), havia visitado a Rússia soviética duas vezes e citado o líder da revolução de Outubro em diferentes ocasiões. O que os críticos talvez não tenham compreendido é que um autor não é mais ou menos marxista pelo número de citações de teóricos socialistas, mas pela correta aplicação do *método*. E foi Caio Prado Júnior, indubitavelmente, o primeiro a utilizar de forma *sofisticada*, com *êxito* e num trabalho de fôlego o materialismo histórico em nosso país.

A literatura marxista demorou para chegar no Brasil. Depois da revolução russa certamente aumentou o influxo de obras sobre temas correlatos, em grande parte, vindas da Europa, da própria Rússia, da Argentina, do Chile ou do México. *O Manifesto comunista* só seria traduzido para o português no começo da década de 1920, para se ter uma ideia de como textos importantes tardaram a circular por aqui. O que se podia encontrar no Brasil até então eram, basicamente, *divulgadores* do marxismo, ainda que alguns poucos tenham tentado, de forma pioneira (e com méritos, devese admitir) aplicar o materialismo dialético já naquela época, como Mário Pedrosa, Lívio Xavier ou Octávio Brandão, mesmo sabendo das limitações das obras destes autores.⁷

Eram poucos os militantes que tinham conhecimentos profundos do marxismo. Não só as obras que chegavam ao Brasil eram escassas em quantidade, como também, traduções em francês, inglês ou espanhol.⁸ Muitas destas, como se pode imaginar, trabalhos de divulgação.

Caio Prado Júnior, por sua situação econômica pessoal, certamente terá mais condições que a maioria dos militantes para superar essa defasagem. Um ano após entrar no PCB, irá adquirir *O capital*, em 14 volumes; as obras políticas, econômicas e filosóficas dos pais do

materialismo histórico, ao todo 19 volumes; *Herr Vogt*, em 3 volumes; e a correspondência de Marx e Engels, em 5 volumes.⁹ Ele iria comprar as obras remetendo dinheiro diretamente ao *Bureau D'Éditions* do Partido Comunista Francês, que lhe enviaria periodicamente livros e publicações comunistas.¹⁰ Poucos anos mais tarde, ele recomendaria, numa enquete da *Revista Acadêmica*, alguns autores e livros “indispensáveis” para uma boa iniciação à cultura socialista, como Anton Merger e seu *L'Etat socialiste*; Plekhanov e *Princípios fundamentais do marxismo*; Bukhárin e o *Tratado de materialismo dialético*; Lapidus e Ostrovitianov, *Princípios de economia política*; e finalmente, Lênin e seus livros *O Estado e a revolução* e *Imperialismo, etapa superior do capitalismo*. Ainda que não falasse russo, recebia periodicamente em sua casa muitas publicações da União Soviética durante anos, para ficar a par do que ocorria nos países da Cortina de Ferro e das discussões políticas e econômicas na região. As revistas eram, muito provavelmente, lidas por sua segunda esposa, Maria Helena Nioac, mais conhecida como Nena, que falava o idioma.¹¹ Seu diálogo com o que se produzia na URSS se expressa, por exemplo, nas diferentes resenhas de obras publicadas naquele país. Escreveria “A dialética materialista”,¹² como comentário a um editorial da revista *Kommunismus*, e resenhas dos livros de U. P. Icherkov (entre outros), *Materialismo dialético*¹³ e do *Manual de economia política*,¹⁴ da ACUS (a partir da edição em espanhol publicada no México), todos em 1956, assim como de M. M. Rosental e G. M. Straks, *Categorias do materialismo dialético*,¹⁵ também da versão mexicana, traduzida do russo por Adolfo Sánchez Vázquez e Wenceslao Roias, em 1959.

Mas não apenas as leituras serão importantes para formar sua visão socialista. As viagens representarão um elemento essencial para que ele moldasse suas opiniões sobre diversos temas, como a “revolução”, o “partido”, o “socialismo” e o “comunismo”. Todos os temas, aliás, que ele se preocupará em discutir em sua obra. Da mesma forma como fazia em seus périplos pelo Brasil, de carro, se embrenhando no interior para ver de perto a realidade nacional e levantar informações para seus textos, o mesmo fará em nações tão distantes como a China ou Cuba. Em cada uma de suas experiências no exterior, fará extensas anotações, fotografará as pessoas, conversará com gente comum. Procurará, neste sentido, fazer o retrato mais fiel possível daquelas realidades, e a partir dele, usar suas conclusões na elaboração de um esboço teórico que permitisse vislumbrar os possíveis caminhos para o socialismo.

Entre maio e junho de 1933, fará sua primeira viagem importante para o mundo do socialismo. Uma verdadeira iniciação. Prado Júnior viaja para a URSS com sua primeira esposa, Hermínia Ferreira Cerquinho, chamada pelos íntimos de Baby. O casal entra no país de trem, por Leningrado, e com um guia, visitará aquela cidade, Moscou, Kiev, Karkov, Rostov sobre o Don, e outras cidades da Rússia, Ucrânia e Cáucaso do Norte. Na União Soviética assistirá a manifestações nas ruas; conversará com operários e camponeses; verá de perto o Kremlin e o Palácio de Inverno; navegará pelo rio Volga; conhecerá comunas agrícolas (como a Comuna Seattle, no Cáucaso do Norte); guardará jornais locais; testemunhará trabalhadores indo a teatros e cinemas; caminhará por diferentes bairros das maiores cidades do país; visitará um profilactorium de prostitutas (onde delegados de várias repúblicas soviéticas debatiam sobre doenças venéreas); presenciará um julgamento num tribunal¹⁶ e uma cerimônia religiosa na Catedral de Santa Sofia (para se certificar, por um lado, que havia liberdade de religião na URSS, apesar do ateísmo de seus dirigentes e destes não incentivarem os cultos, e por outro, para confirmar a falta de interesse da população pelas igrejas, que, de acordo com CPJ, estavam vazias); perceberá a propaganda antirreligiosa nas ruas,¹⁷ indo a museus públicos sobre o tema;¹⁸ conhecerá um clube de ferroviários, a usina *Selmachstroi*, de construção de máquinas agrícolas, e o sovkhos *Verblud*, no Cáucaso do Norte, assim como diferentes fábricas, livrarias

e bibliotecas populares; e se dirá “encantado” com o nível de politização, de educação e de cultura dos cidadãos soviéticos.

Não custa recordar aqui que as viagens à União Soviética não eram incomuns naquela época. Escritores, jornalistas e militantes políticos de todo o continente americano acorriam à terra de Lênin para conhecer de perto as realizações da revolução. Assim, para lá foram dezenas e dezenas de personalidades de todo o Hemisfério Ocidental, gente como Jay Lovestone, William Z. Foster, William Haywood, Boris Reinstein, Bill Shatov, Albert Rhys Williams, Louise Bryant, John Reed, Haya de la Torre, Vittorio Codovilla, Rodolfo Ghioldi, León Rudnitzky, Elias Castelnuovo, Aníbal Ponce, Julio Antonio Mella, Xavier Guerrero, Charles Shipman, Diego Rivera, Octávio Brandão, Heitor Ferreira Lima, Antônio Bernardo Canellas, Luiz Carlos Prestes, Astrojildo Pereira, Paulo de Lacerda, Leôncio Basbaum e muitos outros. E também Caíto. Desde então, ele *sempre* defenderá a URSS, em todas as décadas subsequentes e em todas as ocasiões, com uma única exceção: foi contra a invasão da Tchecoslováquia pelas tropas soviéticas em 1968, tornando-se, a partir daí, *persona non grata* para o governo daquele país.¹⁹ Mesmo assim, apesar disso, permaneceu até seus últimos dias de lucidez apoiando o sistema soviético.

Sua primeira viagem à União Soviética resultará em duas palestras lotadas no CAM, em debates acalorados e num livro de relativo sucesso, *URSS, um mundo novo*,²⁰ que terminou de ser escrito em São Paulo, em janeiro de 1934, e que foi publicado em março do mesmo ano, se esgotando rapidamente, e tendo sua segunda edição, de 1935, confiscada quase que imediatamente pela polícia.²¹ A ânsia do público por detalhes sobre a terra de Lênin era grande. Não custa lembrar que o relato de Caíto não foi o único daquele tipo na época. Diversos escritores brasileiros, como Maurício de Medeiros, Cláudio Edmundo, Juvenal Guanarabino e Osório César, também iriam publicar narrativas de viagem para a Rússia,²² ainda que o livro de CPJ não fosse, necessariamente, um relato memorialístico, mas principalmente a tentativa de mostrar as instituições e a política soviéticas para um público mais amplo.

Entre julho e agosto de 1960, ele iria novamente à URSS, e em seguida, entre agosto e setembro do mesmo ano, à China comunista, experiência que resultou no livro *O mundo do socialismo*,²³ publicado em 1962. Interessante aqui é mencionar que isto ocorreu após o XX Congresso, o processo de desestalinização e já durante o conflito sino-soviético. Sua posição dentro do partido e o fato de visitar um país criticado por Moscou aparentemente não foram empecilho para sua jornada, e não lhe renderam reprimendas dos camaradas ao retornar. Ele também elogiaria o XXII Congresso do PCUS, de outubro de 1961, e o novo programa do partido para o comunismo, em plena era Krushev, da mesma forma como também elogiou o mesmo documento, por exemplo, Che Guevara, que seguia uma linha bastante diferente do autor brasileiro.²⁴

Em seu *O mundo do socialismo*, publicado quase trinta anos depois de *URSS, um novo mundo* (e que teve duas edições, uma em 1962 e outra em 1967), CPJ parece não mudar muito sua opinião sobre os temas básicos abordados na primeira obra do gênero. Neste livro, certamente pior que o anterior, em alguns momentos ingênuo, em linguagem muitas vezes panfletária e que serve quase como um suporte de propaganda do socialismo real, o historiador paulista continuará apoiando incondicionalmente a experiência soviética, fazendo, para isso, menções a Marx, Engels e Lênin em diversos trechos. Aquele seria, de acordo com ele, um livro “parcial”, escrito por um “comunista”. E nele iria concluir que “toda a humanidade marchava para o socialismo”. Ou seja, Prado Júnior acreditava que *o mundo todo, inclusive o Brasil*, um dia seria socialista. A China aparecerá muito pouco no livro, mas de forma bastante

elogiosa (ele iria até mesmo chegar a visitar um templo budista em Hang Tcheu, e a se encontrar com monges lá). O autor brasileiro evitará fazer comparações entre os dois países. E não se encantarão nem se influenciarão, como vários intelectuais da época, com o maoísmo.

Nesta obra, ele afirmará, ingênua ou propositadamente, que o período de repressão violenta na URSS e em outros países da Cortina de Ferro, *necessária no início dos processos revolucionários para garantir a sobrevivência* destes, já havia passado *completamente*, enquanto que, por outro lado, isto nunca havia ocorrido na China Popular.²⁵ Afinal de contas, “o socialismo, no dia em que se pôde efetivamente realizar e exibir em toda plenitude, não encontrou mais força ponderável que lhe fizesse frente. E dispensou com isso as defesas de que se armara numa primeira fase de incertezas... A severidade e violência que acompanharam no passado a implantação do socialismo nada têm assim a ver com a natureza com regime. Apesar de ainda cercados de um mundo capitalista hostil que não se conforma com a existência e presença do socialismo, apesar das provocações de toda ordem de que são vítimas –a virulenta propaganda anti-comunista generosamente subsidiada que se despeja nos países socialistas entre outros através do rádio e da infiltração de agentes sabotadores-, apesar disso, e de muito mais, os países socialistas já hoje consolidaram e estabilizaram inteiramente sua vida, e os aparelhos especiais de repressão interna desapareceram por completo. Tem-se neles a mais total liberdade de movimentos, e não há sinais de quaisquer restrições além das ordinárias e normais que se encontram em qualquer outro lugar”.²⁶ Nestes países, portanto, ao contrário do mundo capitalista, também haveria muito mais democracia, liberdade de expressão e liberdade de imprensa para seus cidadãos.

Dois viagens menos conhecidas para a Cortina de Ferro são as realizadas entre 1948 (ano em que teve seu mandato de deputado estadual pelo PCB cassado e quando foi preso por três meses) e 1949, para a Tchecoslováquia e para a Polônia, dando origem a um artigo em duas partes publicado na revista *Fundamentos*.²⁷ E então uma viagem para Cuba no final de 1961 e início de 1962. O historiador paulista acreditava que não se devia copiar as experiências socialistas, mas aproveitá-las *convenientemente*. Em outras palavras, tentar construir um socialismo “distinto”. Afinal, o socialismo para Caio Prado Júnior não era um dogma.²⁸

Se as viagens anteriores eram feitas a título pessoal, por sua conta, sem apoio ou ingerência do partido e com seus próprios recursos financeiros, a visita à ilha de Fidel seria bem diferente. Uma delegação de mais de noventa pessoas (entre as quais Caíto, seu filho Caio Graco e sua esposa Susana, Elias Chaves Neto, Anita Leocádia Prestes, Leandro Konder, sindicalistas, parlamentares, políticos, intelectuais, membros do PCB e militantes de outros partidos), a convite do governo cubano, foi para a ilha num avião fretado pelo governo daquele país, chegando lá em 30 de dezembro, justo a tempo para assistir às comemorações de 1º de janeiro de 1962, aniversário da revolução. Esta grande comitiva ficou em Cuba por cinco ou seis semanas. Durante esse tempo, Caio Prado Júnior, juntamente com este grupo, viajou de ônibus para Camaguey, Santiago, Santa Clara e Holguín. Um périplo por várias cidades do país. Mas, diferentemente de alguns membros da delegação, CPJ mostrava sempre enorme interesse por todos os problemas locais e pelas medidas que estavam sendo implementadas pelo governo revolucionário, com o objetivo de conhecer a realidade do país e as vicissitudes da experiência daquela experiência socialista.²⁹ Por isso, como era de praxe, ele iria fotografar profusamente e também estudar com cuidado o caso cubano a partir de livros e matérias na imprensa (guardando dezenas de recortes de jornal sobre o tema), com o objetivo de tentar saber como se desenvolvia o processo revolucionário lá.³⁰ A revolução cubana, portanto, também

causou enorme interesse no autor de *História econômica do Brasil*, como nos militantes políticos de todo o continente.

Quando estava em Havana, ficou hospedado no Hotel Riviera, no Malecón. O historiador brasileiro encontrava-se certo dia no saguão do edifício quando Fidel Castro chegou, de surpresa. Prado Júnior saiu do prédio e foi cumprimentar o *Jefe Máximo*, que o esperou sentado no capô de um carro. Conversaram por horas sobre todo tipo de assuntos.³¹

Se CPJ não defendia a guerra de guerrilhas no Brasil, durante o regime militar, isso não significa que não pudesse concordar com o uso da violência e da luta armada em determinados processos revolucionários, dependendo da situação concreta, como foram os casos da Rússia e de Cuba. E isto ele iria expressar em diferentes momentos. No começo da década de 1930, ele afirmaria, em relação à violência, que “ela é a lei das transformações sociais; nenhuma se operou sem o seu concurso. Uma sociedade de classes, fundada em conflitos permanentes, só pelo aguçamento destes conflitos, levados ao extremo da violência, é capaz de se transformar, de evoluir”.³² Para ele, “o socialismo só será realizado pelo partido que seguir as pegadas dos bolchevistas, isto é, *pela insurreição armada, pela tomada violenta do poder*,”³³ como se deu na Rússia, e não pela via pacífica da conquista da maioria parlamentar, como quer a social-democracia, os partidos socialistas de todo o mundo”.³⁴

Prado Júnior era claramente contra um “capitalismo reformado” (como afirmou em distintas ocasiões) e contra a livre iniciativa privada. Ele, *em última instância*, não poderia ser chamado de reformista, pelo menos não em sua forma clássica.³⁵ Mesmo que não tivesse nada contra a violência, sabia que o processo revolucionário poderia se desenvolver de formas *distintas*, dependendo das especificidades de cada caso particular. Assim, as “reformas” poderiam fazer parte de etapas a longo prazo para a construção da revolução socialista, mesmo que não fosse necessariamente insurrecional. Em outras palavras, um processo longo de transformações, no qual as reformas poderiam desempenhar também um papel importante, dependendo das circunstâncias e do contexto específico. Neste caso, o autor de *História e desenvolvimento* poderia ser denominado, até certo ponto, de “revolucionário reformista”, ainda que os dois termos pareçam incompatíveis.³⁶ O que não significa que este processo de mudanças estruturais profundas seja isento de combates e lutas populares. Ou seja, para ele, tanto os movimentos grevistas como as lutas de libertação nacional seriam elementos importantes no combate contra o capitalismo e o neocolonialismo. *A luta social*, portanto, sempre teve um papel fundamental no ideário caiopradiano. “Os pregadores da paz social pregam, pelo que se vê, no deserto”,³⁷ diria ele.

Por outro lado, também comentaria que “o socialismo, ao contrário do que frequentemente se vê afirmado, não constitui uma receita, um dogma, uma norma mais ou menos arbitrariamente escolhida segundo o gosto de reformadores, e a que se trataria de subordinar os fatos humanos e a organização da vida social... O socialismo, como se pode concluir da observação e análise históricas deste último século decorrido, constitui um *processo evolutivo*”³⁸ que tem suas raízes no próprio capitalismo. É o capitalismo o principal responsável pelos socialismo cujas formas e forças propulsoras se geraram e desenvolveram precisamente no mesmo capitalismo. O socialismo é a resultante natural do capitalismo que lhe prepara e abre caminho, e que nele desemboca ao se desagregar”.³⁹ Afinal, para ele, o socialismo é “antes um processo, um sistema em transformação. Consiste numa substituição da economia capitalista, fundada na propriedade privada dos meios de produção –solo, subsolo, fábricas etc. -, e caracterizada por formas privadas de atividade econômica, por uma economia que tenha por base a propriedade coletiva e por norma uma atividade econômica também coletiva. Nisto

se resume o socialismo. As suas fases são múltiplas. A substituição de um sistema por outro atravessa etapas sucessivas em que vamos encontrar, lado a lado, em proporções variáveis, caracteres de um e outro: os do primitivo, em vias de desaparecimento, os do novo, desenvolvendo-se continuamente. O desaparecimento total das formas capitalistas coincidirá com o comunismo”.⁴⁰ Neste caso, a intervenção do Estado seria uma exigência e finalidade da ditadura do proletariado.

É certo que Prado Júnior teve atuação parlamentar (que, diga-se de passagem, foi bem curta) e viu nela uma forma de ação política factível e útil para melhorar, mesmo que lentamente, a situação econômica e social, em seu caso, do estado de São Paulo, e, de forma geral, do Brasil. Mas isso era apenas parte da *forma*, e não todo o conteúdo. Se ele era um militante fiel ao partido, iria acatar suas resoluções. E se o jogo parlamentar estivesse vigente e fosse utilizado pelo PCB, ele também participaria dele. Mas ele tinha clara noção das limitações de uma ação desse tipo. Ele diria, nos anos antes de se tornar deputado estadual: “Enquanto a política soviética está inteiramente impregnada por uma orientação proletária, os partidos operários dos países burgueses (operários no sentido de se apoiarem num eleitorado proletário), na medida em que se adaptam à engrenagem parlamentar, isto é, enquanto figuram nos parlamentos não como corpos estranhos e deslocados, mas como forças que efetivamente intervêm no funcionamento das câmaras e não como embaraço dele, estes partidos são incapazes de uma orientação verdadeiramente operária. Enquanto parlamentares, os partidos operários são operários apenas no nome. Isto se torna flagrante quando eles conseguem formar ministérios saídos do seu seio e tomam a seu cargo a direção política do país... Pelo modo com que são constituídos, os parlamentos são incapazes de refletir uma política verdadeiramente classista e proletária”.

Afinal de contas, “nas condições atuais e dentro das funções extraordinariamente desenvolvidas do Estado moderno, o papel de legislar, isto é, de editar normas gerais e abstratas, torna-se função exclusiva de sua aplicação. É esta aplicação, isto é, a forma pela qual se faz, que vai dar às leis, depois de promulgadas, o seu verdadeiro conteúdo, a sua significação concreta e real. Daí o papel predominante que nos regimes burgueses cabe ao aparelhamento administrativo, esta imensa máquina burocrática que praticamente por si só resume todo o Estado moderno. Concentrando em suas mãos todo o funcionamento do Estado, e constituindo como é, em organismo completamente independente do parlamento, nele se perde toda influência que a representação popular pudesse por acaso

ter na direção efetiva do Estado... Mesmo nos regimes parlamentares, onde os governos saem diretamente das câmaras, não são estas, e muito menos o povo, quem por detrás da cortina puxa os cordéis”.⁴¹

Alguns destes comentários, por incrível que pareça, parecem críticas *avant la lettre* ao PT, que chegaria ao poder várias décadas mais tarde. Como aparte aqui, vale recordar que Prado Júnior, diferentemente de muitos intelectuais, não se filiou ao PT na época de sua fundação e não teria gostado de Lula, sobre o qual teceu comentários de desmerecimento e desconfiança.⁴²

Já Lênin, por outro lado, seria sempre uma referência. As menções a ele serão constantes e usadas sempre como o *exemplo* a seguir. Em seu artigo “Fundamentos econômicos da revolução brasileira”, de 1947, diria que o líder bolchevique “dedicando-se sobretudo a seu país, que se encontrava em grande atraso econômico, social e político relativamente aos demais países da Europa, e ainda em regime nitidamente feudal... teve a necessidade de apreciar de um

só golpe as sucessivas etapas de desenvolvimento histórico através das revoluções democrático-burguesa e socialista”.⁴³ A revolução estava na ordem do dia.⁴⁴ E Prado Júnior não só a defendia como apoiava a teoria leninista da revolução ininterrupta. Mas, como ele mesmo comentava, “a questão mais importante não é a do socialismo em si. É a do caminho que para lá conduz”.⁴⁵

Em outra ocasião, CPJ citaria outra frase de Lênin a qual ele concordava plenamente, ao afirmar que a ditadura na União Soviética não queria dizer o oposto da democracia, mas que significava “simplesmente um poder que não é limitado por nenhuma lei, que não é embaraçado por nenhuma regra e que se apoia diretamente na violência”.⁴⁶ Neste sentido, o historiador paulista aprofundaria ainda mais o comentário leniniano ao dizer: “Mas isto não exclui a democracia, pelo contrário, pressupõe-na, porque esta violência e esta força estão nas mãos das classes mais democráticas, a começar pelo proletariado, que delas precisam para destruir uma sociedade, a sociedade burguesa, e construir outra, a sociedade socialista. Uma transformação desta ordem, que vai aos fundamentos da vida coletiva, não seria realizável se encontrasse pela frente, barrando-lhe o caminho, direitos e privilégios individuais. Estes precisam ceder diante dos interesses superiores da revolução”.⁴⁷ Ainda assim, para CPJ, os termos “revolução” e “insurreição” não seriam equivalentes. E no caso brasileiro,

15 - Caio prado júnior e o socialismo

especificamente, a estratégia mais adequada, portanto, não seria a de seguir o caminho da luta armada.⁴⁸

Por este e outros motivos, Caio seria acusado ao longo da vida por adversários políticos, de “burguês”, “aristocrata”, “positivista”, “revisionista”, “reformista” e “nacional reformista”. De qualquer forma, acusações não são incomuns em casos como este. Lênin, antes da revolução de Outubro, seria acusado de “agente da Alemanha” e durante a NEP, de defender práticas capitalistas. O jornalista e teórico político peruano José Carlos Mariátegui, designado por seus detratores de “europeizante”, “aprista”, “populista” e até mesmo “bolchevique d’annunziano”, entre outros qualificativos do gênero. E Che Guevara, de “trotskista”, “maoísta” e “aventureiro” por seus rivais políticos.

Outro aspecto pouco explorado sobre Caio Prado Júnior é a relativa ligação que teve com o ideário e a imagem de Bukhárin. O líder russo, de fato, estará presente em diversos de seus trabalhos, assim como outros teóricos marxistas, que aparecerão com menor frequência, como Lukács, do qual tinha “apreço”; Sartre, a quem considerava um “bom escritor”;⁴⁹ Stálin, que foi longamente citado favoravelmente como uma autoridade sobre a Rússia soviética;⁵⁰ e Althusser, com o qual discordava completamente, chegando a criticar o autor francês de forma dura e incisiva em um longo artigo.⁵¹

Se Trótsky será lembrado rapidamente e de forma favorável como um crítico da burocracia (ainda que CPJ não quisesse se aprofundar sobre o tema, como se estivesse evitando entrar em polêmicas com os soviéticos) e Lênin, como o grande líder da revolução, Bukhárin, designado de “direitista” e também como “um dos maiores teóricos do marxismo”,⁵² aparecerá em diferentes momentos em sua obra. Vale ressaltar que o *único* livro que traduzirá (provavelmente da versão francesa, já que não falava russo) será justamente *Teoria do materialismo histórico, manual popular de sociologia marxista*, daquele mesmo autor, algo significativo, principalmente se considerarmos que a tradução não lhe foi encomendada, mas que ela a fez por decisão própria.⁵³

A admiração por Bukhárin é, até certo ponto, compreensível. Uma das figuras mais populares da União Soviética, ele havia sido considerado pelo próprio Lênin como “o maior e mais importante teórico do partido”,⁵⁴ e por outros como “o maior marxista vivo do bolchevismo”⁵⁵ e “o teórico mais destacado da Internacional Comunista”.⁵⁶ É só ler o que dizia outro comunista brasileiro, Heitor Ferreira Lima (que estudou em Moscou por três anos), que descreveu a admiração que ele próprio e os jovens soviéticos tinham por Bukhárin naquela época.⁵⁷ De acordo com Stephen Cohen, “a ele tinha sido atribuído um *status* muito duvidoso, o de ‘clássico’ em seu próprio tempo. Suas obras já eram citadas nos tratados oficiais de economia, filosofia, sociologia, arte literária e crítica marxistas. Sempre que um autor soviético desejava provar que as realizações intelectuais bolcheviques gozavam de ‘renome internacional’, dizia: ‘Basta citar as notáveis obras sociológicas e econômicas de N. I. Bukhárin’... Membro titular da Academia Comunista e de seu *presidium*, Bukhárin foi indicado pelo partido para a Academia Soviética de Ciências, tendo sido o único líder político eleito em 1928-29 –o que atesta de modo honroso e cabal sua proeminência”.⁵⁸

Mas na época que Prado Júnior entra no PCB, e ainda mais quando traduz o livro de Bukhárin, em 1933, a situação era diferente. Em 1929, por exemplo, Bukhárin seria publicamente acusado de desviacionista, removido da editoria do *Pravda* e retirado do Politburo do Comintern. Em 1937 seria expulso do partido, e um ano mais tarde, executado. Os bukharinistas, já no começo dos anos 1930, eram malvistas pela IC, muitos dos quais seriam expurgados de suas fileiras. Nos Estados Unidos, por exemplo, dois dirigentes importantes do Partido Comunista, Jay Lovestone e Benjamin Gitlow, juntamente com dezenas de seguidores, seriam expulsos, acusados de bukharinistas, enquanto que, somente entre 1929 e 1930, após um processo de “depuração” e expulsões, de um total de 9.300 militantes no PC daquele país, 7.500 permaneceram no partido.⁵⁹ É difícil imaginar que Caio Prado Júnior não soubesse disso. Mesmo assim, traduzirá exatamente aquela obra de divulgação de Bukhárin, obra esta, aliás, desprezada e considerada insatisfatória por muitos intelectuais marxistas em distintas épocas.⁶⁰ Isto, contudo, não foi algo, certamente, que tenha marcado sua carreira de intelectual. Nem aparentemente um trabalho de grande destaque, que tenha influenciado os principais dirigentes ou militantes do partido. Sua tradução muitas vezes é até mesmo negligenciada por aqueles que escrevem sobre CPJ, e certamente vista como uma realização de menor importância. De qualquer forma, a escolha do autor e seu desejo de divulgar suas ideias devem ser notados.

Desde que se tornou marxista, Caio Prado Júnior manteve sempre uma postura crítica e independente em relação às teorias e práticas “oficiais”. Por outro lado, defendeu, desde a década de 1930 até o final da vida, o processo revolucionário para o socialismo, ainda que apontasse para as sutilezas e especificidades de seu caráter em situações e contextos particulares. E isso é importante quando se quer discutir de forma mais detalhada os diferentes aspectos de seu pensamento.

Notas

1. É só recordar o que Caio Prado Júnior diria, por exemplo, em seu livro *A revolução brasileira*, publicado em 1966. Para ele, “no Brasil, talvez mais que em qualquer outro lugar (porque o mesmo mal também existiu e ainda existe em outras partes), a teoria marxista da revolução, na qual direta ou indiretamente, deliberada ou inadvertidamente se inspira todo o pensamento brasileiro de esquerda, e que forneceu mesmo os lineamentos gerais de todas as reformas econômicas fundamentais propostas no Brasil, a teoria marxista da revolução se elaborou sob o signo de abstrações, isto é, de conceitos formados a priori e sem consideração adequada dos fatos; procurando-se posteriormente, e somente assim –o que é mais grave-, encaixar nesses conceitos a realidade concreta. Ou melhor, adaptando-se aos conceitos aprioristicamente estabelecidos e de maneira mais ou menos forçada, os fatos reais. Derivou daí um esquema teórico planando em boa parte na irrealidade, e em que as circunstâncias

verdadeiras da nossa economia e estrutura social e política aparecem com frequência grosseiramente deformadas”. Ver Caio Prado Júnior, *A revolução brasileira*, São Paulo, Brasiliense, 1966, pág. 29.

2. Ver Maria Célia Wider, *Caio Prado Júnior, um intelectual irresistível*, São Paulo, Editora Brasiliense, 2007, pág. 95.

3. Para mais informações sobre a militância de Caio Prado Júnior no PCB, ver Jacob Gorender, “Do pecado original ao desastre de 1964”, in Maria Angela D’Incao (org.), *História e ideal, ensaios sobre Caio Prado Júnior*, São Paulo, Editora Unesp/Editora Brasiliense, 1989, págs. 259 a 269.

4. Para mais informações sobre as ideias de Caio Prado Júnior em relação ao Partido Comunista, ver Caio Prado Júnior, *URSS, um mundo novo*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1934, págs. 41 a 51; e Caio Prado Júnior, *O mundo do socialismo*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1962, págs. 108 a 123.

5. Ver Carlos Nelson Coutinho, “Uma via “não-clássica” para o capitalismo”, in Maria Angela D’Incao (org.), *História e ideal, ensaios sobre Caio Prado Júnior*, São Paulo, Editora Unesp/Editora Brasiliense, 1989, pág. 116.

6. Ver Guido Mantega, “Marxismo na economia brasileira”, in João Quartim de Moraes (org.), *História do marxismo no Brasil, os influxos teóricos, Vol. 2*, Campinas, Editora da Unicamp, 2007, pág. 110.

7. Para mais informações sobre o panorama geral dos primórdios do marxismo no Brasil, antes da e nas primeiras duas décadas após a revolução russa, ver Evaristo de Moraes Filho, “A proto-história do marxismo no Brasil”, in João Quartim de Moraes e Daniel Aarão Reis (orgs.), *História do marxismo no Brasil, o impacto das revoluções*,

Vol. 1, Campinas, Editora da Unicamp, 2007, págs. 11 a 49; e Marcos del Roio, “O

impacto da revolução russa e da Internacional Comunista no Brasil”, in *Ibid*, págs. 51 a 107. Para mais informações, ainda que resumidas, de alguns pioneiros do marxismo no Brasil, ver Angelo José da Silva, “Tempo de fundadores”, in João Quartim de Moraes e Marcos del Roio (orgs.), *História do marxismo no Brasil, visões do Brasil, Vol. 4*, Campinas, Editora da Unicamp, 2007, págs. 135 a 159.

8. Para mais informações sobre a literatura marxista no Brasil, ver Edgard Carone, “O marxismo no Brasil: das origens a 1964”, in Lincoln Secco e Marisa Deaecto (orgs.), *Edgard Carone: leituras marxistas e outros estudos*, São Paulo, Xamã, 2004, págs. 17 a 74.

9. Para uma boa descrição do ambiente cultural e literário marxista naquele período, e os livros que CPJ leu na época, ver Lincoln Secco, *Caio Prado Júnior, o sentido da revolução*, São Paulo, Boitempo, 2008, pág. 35.

10. Ver Paulo Henrique Martinez, *A dinâmica de um pensamento crítico: Caio Prado Júnior (1928-1935)*, São Paulo, Edusp/Fapesp, 2008, 82.

11. De acordo com Danda Prado, depoimento a Luiz Bernardo Pericás, dezembro de 2009.

12. Ver Caio Prado Júnior, “A dialética materialista”, in *Revista Brasiliense*, No. 3, janeiro e fevereiro de 1956.

13. Ver Caio Prado Júnior, “Materialismo dialético”, in *Revista Brasiliense*, No. 4, março e abril de 1956.

14. Ver Caio Prado Júnior, “Manual de economia política”, in *Revista Brasiliense*, No. 5, maio e junho de 1956.

15. Ver Caio Prado Júnior, “Categorias do materialismo dialético”, in *Revista Brasiliense*, No. 26, novembro e dezembro de 1959.

16. Neste caso, ele irá se impressionar com a falta de espetaculosidade e formalismo da justiça burguesa. Ele diria que “os juízes tratam todo mundo e são tratados de igual para igual. Ninguém se levanta à sua entrada ou saída, ou dá quaisquer outras mostras exteriores de respeito ou homenagem. Fuma-se à vontade, e durante os intervalos, advogados, procuradores, funcionários do tribunal, e os próprios juízes deixam os seus lugares e vão se misturar com o público. Mais que uma sessão de tribunal, tem-se a impressão de assistir a uma reunião de amigos e companheiros”. Ver Caio Prado Júnior, *URSS, um mundo novo*, págs. 142 e 143.

17. Em relação à religião e à propaganda antirreligiosa, Prado Júnior afirmaria que “é a atitude lógica e coerente de um regime revolucionário, isto é, transformador, que na realização de sua tarefa precisa neutralizar e destruir todos os obstáculos com que depara no caminho. Ou isto ou a renúncia... Hoje as religiões são, sem exceção, reacionárias. Representam um obstáculo considerável oposto à revolução social. Com suas superstições,

com o obscurantismo que as caracteriza e principalmente pela resignação e passividade que infundem nas massas, elas são aliadas naturais da ordem estabelecida, da ordem burguesa. Não é por acaso que todo recrudescimento da reação é sempre acompanhado de um revigoramento da religião. A razão é que esta é sempre um instrumento daquela. E os exemplos neste terreno não faltam. Não precisamos ir longe. Basta -nos observar o que hoje em dia se passa no Brasil”. Ver *Ibid*, págs. 171 e 172. Para ele, “os homens do futuro... não precisarão da fé. Precisarão apenas do adversário irredutível dela: a Ciência”. Ver *Ibid*, pág. 178.

18. Como o museu antirreligioso de Leningrado, instalado na antiga Catedral de Santo Isaac, naquela cidade.
19. Maria Cecília Naclério Homem, depoimento a Luiz Bernardo Pericás, novembro de 2009.
20. Ver Caio Prado Júnior, *URSS, um mundo novo*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1934.
21. Foram várias as palestras no CAM sobre a União Soviética. Em 24 de julho de 1933, Jaime Adour da Câmara deu uma conferência sobre as mudanças que vinham ocorrendo na URSS, assim como a organização social daquele país. Em 29 de novembro, juntamente com Flávio de Carvalho, ele apresentaria a palestra “Reconhecimento da URSS pelo Brasil”. A palestra mais concorrida, contudo, foi a de Caio Prado Júnior, intitulada “Rússia e o mundo do socialismo”, proferida em 6 de setembro de 1933. O interesse por aquele assunto foi tão grande que nove dias depois ele daria uma nova conferência. Ver Graziela Naclério Forte, *CAM e SPAM: arte, política e sociabilidade na São Paulo moderna, no início dos anos 1930*, São Paulo, dissertação de mestrado, FFLCH/USP, 2008, pág. 109. Ver também Maria Célia Wider, *Caio Prado Júnior, um intelectual irresistível*, São Paulo, Editora Brasiliense, 2007, pág. 43.
22. Ver *Ibid*, pág. 111.
23. Ver Caio Prado Júnior, *O mundo do socialismo*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1962.
24. Ver Che Guevara, *Textos econômicos*, São Paulo, Edições Populares, 1982, pág. 145. Ver também Luiz Bernardo Pericás, *Che Guevara e o debate econômico em Cuba*, São Paulo, Xamã, 2004, pág. 161.
25. Ver Caio Prado Júnior, *O mundo do socialismo*, pág. 58.
26. *Ibid*, pág. 59.
27. Ver Caio Prado Júnior, “Através das democracias populares: Checoslováquia e Polônia”, in *Fundamentos*, São Paulo, No. 11, janeiro de 1950, págs. 4 a 13; e Caio Prado Júnior, “Através das democracias populares: Checoslováquia e Polônia”, in *Fundamentos*, São Paulo, No. 12, fevereiro de 1950, págs. 31 a 36.
28. Ver Caio Prado Júnior, *URSS, um mundo novo*, pág. 81.
29. Anita Leocádia Prestes, correspondência com Luiz Bernardo Pericás, novembro de 2009.
30. Danda Prado, depoimento a Luiz Bernardo Pericás, dezembro de 2009.
31. Susana Prado, depoimento a Luiz Bernardo Pericás, novembro de 2009. Isso era algo muito comum. Anita Leocádia Prestes afirma que “o Fidel realmente costumava chegar de surpresa ao hotel onde estávamos, o Havana Riviera, altas horas da noite, para conversar com delegados estrangeiros. Uma madrugada, quando eu já dormia em meu quarto, fui acordada por um secretário do Fidel, dizendo que ele queria falar comigo. Tive que descer rapidamente para encontrá-lo. Queria mandar um recado para meu pai... Nesses momentos havia grande rebuliço, pois todo mundo queria ver o Fidel”. Anita Leocádia Prestes, correspondência com Luiz Bernardo Pericás, janeiro de 2010.
32. Ver Caio Prado Júnior, *URSS, um mundo novo*, pág. 24.
33. Grifo nosso.
34. *Ibid*, pág. 230.
35. Opinião distinta tem Marcos del Roio. Para ele, “no campo teórico do marxismo, essa concepção de revolução [de CPJ], na mesma medida em que se afasta da concepção leniniana, por exemplo, se aproxima bastante da visão reformista predominante na Segunda Internacional, particularmente em Bernstein”. Continua: “Essa observação parece se confirmar no momento em que Caio Prado Júnior procura desqualificar a validade de se questionar científica e politicamente o “caráter” ou a “natureza” da revolução em curso, advogando que só saberemos a resposta ao final do processo, composto por lutas e objetivos imediatos que prescindem de qualquer ligação com o objetivo histórico do socialismo. Parece dizer que o objetivo final para pouco ou nada serve diante

das agruras da luta econômica cotidiana, reafirmando o equívoco do poeta que avisava ao caminhante que em não havendo caminhos, esses seriam construídos no próprio ato de caminhar (mesmo sem se saber para onde, poderia ter respondido o caminhante na ocasião)". E completa: "Na verdade, desde o início, a concepção teórica de revolução brasileira de Caio Prado Júnior menospreza a questão crucial de toda a revolução que é a tomada do poder político por uma classe ou aliança de classes em detrimento de outra". Ver Marcos del Roio, "A teoria da revolução brasileira, tentativa de particularização de uma revolução burguesa em processo", in João Quartim de Moraes e Marcos del Roio (orgs.), *História do marxismo no Brasil, visões do Brasil, Vol. 4*, Campinas, Editora da Unicamp, 2007, pág. 107. Por outro lado, Caio Prado Júnior diria: "O comunismo, como regime econômico e social, foi previsto e prognosticado por Marx. Mas nem em Marx, nem nos seus sucessores e continuadores se fez da maneira de o realizar objeto de especulações abstratas e apriorísticas. Nem tampouco — a não ser nos primeiros e imaturos momentos da revolução socialista, e unicamente em algumas raras e esporádicas instâncias logo repelidas —, se tentou introduzir esquemas teóricos e fórmulas comunizantes. Das premissas teóricas do marxismo se concluía, como Marx já o fizera, que da revolução socialista, isto é, da tomada do poder pelo proletariado e da consequente socialização dos meios de produção, resultaria o comunismo. Mas a maneira como se realizaria essa transformação, isso somente a experiência derivada do próprio desenvolvimento da revolução socialista poderia dar a resposta". Ou seja, "cuidaram assim os teóricos e políticos marxistas orientadores e dirigentes da revolução socialista, unicamente de realizarem essa mesma revolução, centrada na abolição da propriedade privada dos meios de produção e da livre iniciativa econômica, a serem respectivamente substituídas pela propriedade coletiva e pela iniciativa social planejada; bem como no desenvolvimento das forças produtivas e elevação do nível material e cultural da população trabalhadora. Mas não se cogitou do comunismo e de sua implantação. Foi no curso do processo revolucionário socialista, e como resultante dele, que se desenvolveram e afinal destacaram certas formas econômicas, sociais e políticas que devidamente observadas, apreendidas e analisadas pelos teóricos e políticos da revolução socialista, lhes permitiram esboçar os primeiros traços concretos do comunismo, e formularem a linha de desenvolvimento e da ação política no rumo da transformação comunista. Esboço e formulação essas que se fundem e inspiram na própria dinâmica natural e espontânea daquelas formas anunciadoras e precursoras do comunismo". Ver Caio Prado Júnior, *O mundo do socialismo*, págs. 141 e 142.

36. Um autor que defende de forma convincente esta ideia é Lincoln Secco em seu *Caio Prado Júnior, o sentido da revolução*. Ver também Luiz Bernardo Pericás, "Um homem por inteiro", in *Correio Braziliense*, Brasília, 21 de fevereiro de 2009, pág. 5.

37. Ver Caio Prado Júnior, *O mundo do socialismo*, pág. 6.

38. Grifo nosso.

39. Ibid, pág. 9.

40. Ver Caio Prado Júnior, *URSS, um mundo novo*, págs. 62 e 63.

41. Ver Caio Prado Júnior, *URSS, um mundo novo*, págs. 33 a 35.

42. Maria Cecília Naclério Homem, depoimento a Luiz Bernardo Pericás, novembro de 2009.

43. Ver Caio Prado Júnior, "Fundamentos econômicos da revolução brasileira", publicado originalmente na *Classe Operária*, de 19 de abril de 1947, e reproduzido in Bernardo Ricupero, *Caio Prado Júnior e a nacionalização do marxismo no Brasil*, São Paulo, Editora 34, 2000, pág. 200.

44. Durante décadas, diferentes intelectuais e grupos políticos discutiram o caráter da revolução brasileira, desde Octávio Brandão e Luiz Carlos Prestes a Nelson Werneck Sodré, com *Introdução à revolução brasileira*, de 1958, e Luiz Alberto Moniz Bandeira, com seu *O caminho da revolução brasileira*, de 1962, entre tantos outros. Para mais informações sobre as discussões em relação à "revolução brasileira", ver, por exemplo, Nelson Werneck Sodré, *Quem é o povo no Brasil?*, publicação dos *Cadernos do Povo Brasileiro*, Vol. 2, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1962; Bolívar Costa, *Quem pode fazer a revolução no Brasil?*, nos *Cadernos do Povo Brasileiro*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1962; Franklin de Oliveira, *Que é a Revolução Brasileira?*, nos *Cadernos do Povo Brasileiro*, Vol. 9, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1963; Franklin de Oliveira, *Revolução e contra-revolução no Brasil*, nos *Cadernos do Povo Brasileiro*, Volume Avulso, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1962; e Angélica Lovatto, *Os Cadernos do Povo Brasileiro e o debate nacionalista nos anos 1960: um projeto de revolução brasileira*, tese de doutorado em Ciências Sociais, São Paulo, PUC, 2010.

45. Ver Caio Prado Júnior, *URSS, um mundo novo*, pág. 229.

46. Ibid, pág. 23.

47. Ibid.

48. Ver os comentários de Bernardo Ricupero in *Ibid*, pág. 202, e Lincoln Secco, *Caio Prado Júnior, o sentido da revolução*, pág. 117. Já uma dura crítica às concepções caiopradianas sobre a revolução podem ser encontradas em Marcos del Roio, “A teoria da revolução brasileira, tentativa de particularização de uma revolução burguesa em processo”, in João Quartim de Moraes e Marcos del Roio (orgs.), *História do marxismo no Brasil, visões do Brasil, Vol. 4*, págs. 102 a 114.
49. Ver Lincoln Secco, *Caio Prado Júnior, o sentido da revolução*, pág. 121.
50. Ver Caio Prado Júnior, *URSS, um mundo novo*, págs. 204 a 206.
51. Ver Caio Prado Júnior, “O marxismo de Louis Althusser”, in Caio Prado Júnior, *Estruturalismo de Levi-Strauss, Marxismo de Louis Althusser*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1971, págs. 71 a 108.
52. Ver Caio Prado Júnior, *URSS, um mundo novo*, pág. 121.
53. Ver Nicolai Bukhárin, *Teoria do materialismo histórico, manual popular de sociologia marxista*, São Paulo, Caramuru, 1933.
54. Ainda que o mesmo Lênin tenha dito que “é muito duvidoso que se possa considerar plenamente marxistas suas posições teóricas”. Ver Stephen Cohen, *Bukhárin, uma biografia política*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990, pág. 178.
55. *Ibid*, pág. 257.
56. *Ibid*.
57. Ver Heitor Ferreira Lima, *Caminhos percorridos*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1982. Heitor Ferreira Lima também chegou a escrever um artigo exclusivamente sobre Bukhárin. Ver Heitor Ferreira Lima, “Bukhárin, teórico e revolucionário bolchevique”, publicado originalmente in *Revista de Cultura e Política*, No. 5 e 6, Paz e Terra, 1981, págs. 105 a 129, e reproduzido in Paulo Sérgio Pinheiro e Marcos del Roio (orgs.), *Combates na história, a trajetória de Heitor Ferreira Lima*, Rio de Janeiro e São Paulo, Paz e Terra/Fapesp, 1990, págs. 101 a 137.
58. Ver Stephen Cohen, *Ibid*.
59. Ver Fraser M. Ottanelli, *The Communist Party of the United States*, New Brunswick e Londres, Rutgers University Press, 1991, págs. 14 e 15.
60. Para conhecer as discussões e críticas ao livro de Bukhárin, ver Georg Lukács, “Tecnologia e relações sociais”, in Vários, *Bukhárin, teórico marxista*, Belo Horizonte, Oficina de Livros, 1989, págs. 41 a 51; Antonio Gramsci, “Notas críticas sobre uma tentativa de ensaio popular de sociologia”, in *Ibid*, págs. 83 a 127; e Aldo Zanardo, “*El Manual de Bujárin visto por los comunistas alemanes y por Gramsci*”, in Nicolai Bukhárin, *Teoria del materialismo histórico, ensayo popular de sociologia marxista*, Córdoba, Cuadernos de Pasado y Presente, No. 31, 1972, págs. 5 a 29. Para discussões sobre a vida e pensamento de Bukhárin, ver A. G. Löwy, *El comunismo de Bujarin*, Barcelona e México, Ediciones Grijalbo, 1973; Roy Medvedev, *Os últimos dias de Bukhárin*, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1980; Francesco Benvenuti, “Bukhárin e a história soviética dos anos vinte”, in Vários, *Bukhárin, teórico marxista*, págs. 129 a 137; Mario Telo, “Análise do capitalismo e teoria da revolução em Bukhárin, dirigente da Komintern”, in *Ibid*, págs. 139 a 172; Lisa Foa, “Bukhárin entre a teoria do colapso e a estabilização”, in *Ibid*, págs. 173 a 186; Mario Telo, “Bukhárin: economia e política na construção do socialismo”, in Eric J. Hobsbawm (org.), *História do marxismo, vol. 7*”, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986, págs. 159 a 201; e Stephen Cohen, *Bukhárin, uma biografia política*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

OS CANGACEIROS



ensaio de interpretação histórica

Luiz Bernardo Pericás

O fenômeno do cangaço "independente", que começou na segunda metade do século XIX e durou até cerca de 1940, foi tema de uma grande diversidade de livros. No entanto, boa parte destas obras é de caráter basicamente narrativo e por vezes, escrita em linguagem quase literária.

O historiador Luiz Bernardo Pericás foi além da constatação desta lacuna bibliográfica. O resultado desse trabalho é agora publicado pela Boitempo no livro *Os cangaceiros – ensaio de interpretação histórica*, no qual analisa as bases históricas e a atuação dos grupos do cangaço, como aqueles chefiados por Antonio Silvino, Sinhô Pereira, Corisco e Lampião. Para o

historiador João José Reis, "há tempos precisávamos de um livro que fizesse um balanço exaustivo do que se escreveu sobre este fascinante fenômeno social e cultural do Brasil no século passado. Luiz Bernardo Pericás revira uma vasta bibliografia sobre o cangaço para estabelecer uma certa ordem, e um método, na discussão e compreensão do mundo de Lampião e outros cangaceiros... O livro eleva a análise do cangaço a um patamar superior e serve como inspiração para se pensar outros tipos de banditismo, inclusive nos dias que correm".

BOITEMPO
EDITORIAL